

# Há acordo com a Argentina, diz Wall Street Journal

por Roger Rohen  
e Peter Truell

do Wall Street Journal

O Banco instruiu seus bancos comerciais a não reembolsarem os bancos estrangeiros que tentam retirar os créditos e depósitos de curto prazo nas instituições brasileiras.

A decisão, comunicada em telex pelo Banco Central, representa o endurecimento da posição do Brasil. Foi anunciada em meio a sinais no Brasil de que a nova moratória de dívida — inicialmente considerada por alguns banqueiros como nada mais do que uma dura posição de negociação — é de fato uma tentativa cuidadosamente preparada para alterar os termos de discussão da enorme dívida da América Latina.

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que é o arquiteto da moratória da dívida, visitará Nova York e parece certo que terá uma recepção gelada.

Funaro conseguiu ofender os credores. "Ele pode seguir sua política populista de culpar os bancos, mas mais cedo, mais tarde, as pessoas vão perceber que os problemas são as próprias ações governamentais do Brasil", disse um graduado banqueiro norte-americano.

O embaixador brasileiro em Washington, Marcellio Marques Moreira, foi mais conciliador, afirmando que o telex "se destina a ser transitório e a assegurar que aqueles créditos permaneçam estáveis durante as próximas semanas de negociações".

Enquanto isso, emergiram novos sinais de que Funaro tenciona entrar em confrontação com os credores sobre o total de US\$ 108 bilhões que o Brasil deve aos bancos estrangeiros, governos e organismos internacionais.

Conforme fontes argentinas, a reunião de Funaro na terça-feira com o secretário do Tesouro da Argentina, Mario Brodersohn, foi dedicada principalmente a examinar como a Argentina poderia ajudar o Brasil se este enfrentar represálias internacionais por cau-

sa de uma prolongada moratória da dívida. Duas questões examinadas foram o tipo de mercadorias que a Argentina poderia garantir ao Brasil se os fornecimentos de outras fontes forem cortados e a forma como a Argentina poderia ser usada como ponto de trânsito para exportações e importações brasileiras.

O ministro da Economia argentino, Juan V. Sourrouille, disse na quarta-feira que os produtos primários brasileiros destinados a ser incorporados nas exportações argentinas terão temporariamente automatizado o ingresso automático e irrestrito na Argentina. Essas declarações acompanharam o anúncio

de medidas para combater o aumento da inflação e eliminar as distorções na economia argentina, inclusive a desvalorização da moeda argentina e o congelamento de salários e preços por quatro meses.

Brodersohn manifestou apoio à posição brasileira, afirmando que a Argentina também precisa suspender pagamentos de juros se seus pedidos de novo dinheiro não forem atendidos. Os dois países, tradicionalmente rivais, uniram-se na tentativa de fortalecer os laços comerciais, financeiros e políticos através de um pacto assinado no ano passado.

As conversações com Brodersohn — junto com o acúmulo de estoques de pe-

tróleo e trigo, e sua transferência de ativos para locais inacessíveis aos credores — sugerem que Funaro está se preparando para uma longa moratória.

Autoridades ligadas a Funaro afirmam que elas não estão com nenhuma disposição de conciliar, sobre retornar ao Fundo Monetário Internacional ou sobre sua insistência em que se chegue a um acordo de longo prazo que diminua o atual nível dos pagamentos de juros pelo Brasil.

Nesse contexto, um crescente número de pessoas no Brasil acredita que deve ser levada a sério sua declaração de que o Brasil economizará US\$ 5,6 bilhões se a moratória durar até o fim do ano.